

**O PAPEL DOS CAPRINOS E DOS OVINOS DESLANADOS NA AGRICULTURA FAMILIAR<sup>1</sup>**Evandro Vasconcelos Holanda Júnior<sup>2</sup> e Gherman Garcia Leal de Araújo<sup>3</sup>**Introdução**

O rebanho brasileiro de ovinos e de caprinos era de 14,78 e 9,35 milhões de cabeças, respectivamente, sendo que 53% dos ovinos e 94% dos caprinos estavam concentrados no Nordeste. Ambos, principalmente, na região semi-árida, sendo que os estados detentores dos maiores rebanhos de caprinos e ovinos, respectivamente, eram: Bahia, com 43 e 37%; Piauí, com 16 e 18%; Pernambuco, com 16 e 10% e Ceará, com 9 e 21% (IBGE, 2003).

O semi-árido brasileiro é *“uma terra marcada pela irregularidade das chuvas, determinando longos períodos de secas, com fortes deficiências hídricas nos rios, solos e ecossistemas xerófilos e graves conseqüências sociais para seus 20 milhões de habitantes, que apresentam elevada dependência dos recursos naturais e os piores indicadores sociais do país... Nessa região vive o sertanejo, detentor de cultura, linguagem e costumes próprios, características mal compreendidas, resultando na formulação de políticas de desenvolvimento que têm falhado nas metas de melhorar os péssimos indicadores sociais da região, comparáveis a dos países mais pobres da África...”* De modo geral, o semi-árido tem sido encarado como uma região com um conjunto de problemas ambientais e sociais, que coloca, para a sociedade brasileira, desafios científicos, tecnológicos e de desenvolvimento (Instituto..., 2004).

Há certo consenso de que apenas políticas compensatórias não bastam para combater a pobreza e a exclusão social nessa região, sendo preciso a formação e o desenvolvimento de uma infra-estrutura econômica e social que promova a melhoria contínua das condições de vida de sua população. Os defensores deste tipo de desenvolvimento têm destinado à agropecuária o papel de garantir segurança alimentar, de complementar as outras fontes de emprego e renda, de proteção ambiental e da construção de novos espaços e possibilidades de reprodução e integração social (Nascimento, 2003).

Acredita-se que a caprino-ovinocultura, por sua adequação aos agroecossistemas locais; por sua baixa necessidade de capital inicial; por sua capacidade de acumulação de renda em pequena escala e por sua fácil apropriação sócio-cultural, configura-se como uma alternativa agropecuária apropriada para a geração da renda e garantia de segurança alimentar da população do semi-árido nordestino.

No Nordeste semi-árido, predominam sistemas de produção que combinam policultivos e criação de bovinos, caprinos, ovinos, galinhas, porcos. Nestes sistemas de produção, os caprinos e ovinos são alimentados, principalmente, com base na caatinga. Estes sistemas de criação se caracterizam pela grande influência climática sobre a produção, baixa produtividade, falta de padronização dos produtos e grande sazonalidade na oferta

<sup>1</sup> Texto redigido para apresentação na 41ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Zootecnia, cujo tema central era “A produção animal e a segurança alimentar”. 19 a 22 de julho de 2004. Campo Grande – Mato Grosso do Sul.

<sup>2</sup> Veterinário, D.Sc., Pesquisador Embrapa Semi-Árido. Endereço: BR 428, km 152, caixa Postal 23, 565302-970, Zona Rural, Petrolina-PE (evandro@cpatsa.embrapa.br).

<sup>3</sup> Zootecnista, D.Sc., Pesquisador Embrapa Semi-Árido (ggla@cpatsa.embrapa.br).

dos produtos (Holanda Junior, 2004).

Para o atendimento das necessidades da família no presente, mas também de conservação e de crescimento do patrimônio familiar, os agricultores familiares que criam caprinos e/ou ovinos nas principais regiões produtoras adotam estratégias variadas para a geração de renda, incluindo o aumento da integração ao mercado da atividade caprina e/ou ovina; a diversificação produtiva das unidades produtivas; a venda de mão-de-obra para agricultura ou a prestação de serviços em atividades não agrícolas. Também a aposentadoria e os programas de transferências de renda do Governo Federal contribuem para a complementar a renda, sobretudo dos agricultores mais pobres (Holanda Júnior, 2004).

Diante dessa realidade, para reconhecer o papel das atividades agropecuárias para a agricultura familiar, a unidade de análise relevante deixa de ser a unidade de produção e sim as famílias agrícolas. Pois, assim, é possível captar a estratégia de geração de renda das famílias (Graziano da Silva e Hoffman, 1999).

Por isso, para entender o papel dos caprinos e ovinos deslançados para a agricultura familiar, considerar-se-á as estratégias de geração de renda das famílias e a participação dessas criações nessa estratégia.

### **Os agricultores familiares**

Segundo Moreira (1998) a magnitude e a distribuição dos capitais e das propriedades agrárias influenciam o poder de mercado de um patrimônio produtivo na agricultura. Um indicador deste poder é “o montante mínimo de capital dinheiro” que se torna necessário para que a produção agropecuária permita a valorização do capital. Acima desse “estoque mínimo” têm-se formas de produção empresárias que adotam lógica de acumulação capitalista. Para funcionar, como uma empresa, “o montante mínimo de capital dinheiro” precisa possibilitar o acesso aos meios de produção.

Em função do estoque de capital disponível, os modelos de produção agropecuária podem ser diferenciados, quanto à capacidade produtiva e de competição nos mercados, em modelo de produção capitalista e de produção familiar (Moreira, 1998).

Segundo Wanderley (1996) e Graziano da Silva (1999), a categoria de agricultores que adota o modelo de produção familiar é heterogênea, existindo agricultores familiares “tradicionais” (camponeses) e “modernos” (empresas familiares).

Essa diferenciação é maior no centro-sul do país e menor no Nordeste (Graziano da Silva, 1999). Entre agricultores de uma mesma região, a diferenciação é provocada por, na maioria das vezes, acesso a nichos de mercado ou integração com a agroindústria e/ou maiores áreas e/ou melhores terras e/ou maior disponibilidade de máquinas, benfeitorias e equipamentos, entre outras razões (Carvalho, 2003).

A produção camponesa é, em geral, pequena, dispõe de poucos recursos e enfrenta restrições produtivas para garantir a manutenção do patrimônio. A função de produzir para subsistência está presente na forma camponesa, contudo, ela não se reduz a essa função e nem em ser pequena. No modelo camponês, o projeto de produção visa estabelecer condições de garantia das necessidades da família no presente, mas também

de conservação e de crescimento do patrimônio familiar. A orientação do trabalho na propriedade visa à consecução desse projeto, que é mutável. O sistema tradicional de produção procura combinar na propriedade cultivos alimentares com pequenos criatórios animais (Wanderley, 1996).

Os camponeses não conseguiram acumular capital financeiro e produtivo em quantidade suficiente para competir no mercado, estimando-se que 83% dos agricultores familiares estão nestas condições (Carvalho, 2003). Entre os camponeses, existe ainda diferenciação na quantidade de capital disponível e na capacidade de inserção no mercado. Há aquele menos descapitalizados e que estão praticamente fora dos circuitos de comercialização; e outros, relativamente, mais capitalizados e que estão, dependendo das políticas públicas implementadas, em processo de transição para empresas familiares ou para a condição de camponeses descapitalizados. Para os mais descapitalizados, o não abandono da condição de agricultores é mais dependente de políticas de transferências de renda (Graziano da Silva, 1999).

As empresas familiares se caracterizam pela co-existência de aspectos de produção comercial e para consumo familiar. A direção do processo produtivo é realizada pelos proprietários ou por familiares, estes por vezes executam os trabalhos mais especializados. Utilizam mão-de-obra temporária e pelo menos um assalariado permanente, que nem sempre é remunerado com base em relações e preços vigentes na legislação. A orientação da produção e a busca de alternativas produtivas procuram, na maioria dos casos, maximizar os “resultados positivos” obtidos com a terra, posto que a possibilidade de investir em alternativas não agrícolas é limitada. A garantia de sobrevivência dessas formas de agricultura familiar é dependente do patamar tecnológico que serão capazes de atingir (Graziano da Silva, 1999).

Há de se considerar ainda a existência de indivíduos que possuem atividades no meio urbano ou renda de aposentadorias de atividades não-agrícolas (Giuliani, 1990; citado por Schneider, 1999) e que investem na agropecuária como fonte ou meio de diversificar suas rendas, por vezes visando acumulação de riqueza ou lazer. Para esses indivíduos a terra não é um espaço de trabalho necessário a manutenção de sua família e da própria condição de agricultores, o que, conforme Gehlen (1998), os torna diferentes dos agricultores familiares.

### **A redefinição dos espaços de produção de caprinos e ovinos no Brasil**

Na Tabela 01 é possível verificar que, entre 1990 e 2000, diminuiu o efetivo de caprinos e de ovinos no Brasil. No entanto, a diminuição no número de ovinos ocorreu por causa da redução do rebanho na região Sul, posto que considerando as demais regiões não ocorreu redução importante no efetivo de rebanho, tendo mesmo ocorrido aumento nas regiões Norte e Centro-Oeste. Enquanto que, no caso dos caprinos, ocorreu diminuição do rebanho em todas as regiões.

Em quase todas as regiões do país, a necessidade econômica dos produtores de diversificar ou mudar suas atividades pecuárias (Borges et al., 2003; Embrapa, 2004; Silvestrini, 2004); os novos investimentos provenientes de indivíduos urbanos interessados em diversificar suas atividades econômicas ou que saíram das grandes cidades para se dedicarem à produção agrícola (Giuliani, 1990; citado por Schneider, 1999); e as oportunidades de mercado para os produtos gerados pela caprinocultura e/ou

a ovinocultura têm estimulado o aumento dessas criações em áreas em que tradicionalmente se criavam bovinos.

Tabela 01. Efetivo de rebanho, participação e evolução do rebanhos no Brasil e nas regiões nos anos de 1990 e 2000

País e regiões	Efetivo rebanho 1990		Efetivo rebanho, 2000		Evolução 1990-2000 (1990=100)
	cabeças	%	cabeças	%	
Ovinos					
Brasil	20.014.505	100	14.784.958	100	-35
Norte	252.838	1	360.141	2	30
Nordeste	7.697.746	38	7.762.475	53	1
Sudeste	405.277	2	399.925	3	-1
Sul	11.265.818	56	5.568.574	38	-102
Centro-Oeste	392.826	2	693.843	5	43
Caprinos					
Brasil	11.894.587	100	9.346.813	100	-27
Norte	241.225	2	134.624	1	-79
Nordeste	10.677.129	90	8.741.488	94	-22
Sudeste	362.052	3	204.188	2	-77
Sul	455.094	4	181.728	2	-150
Centro-Oeste	159.087	1	84.785	1	-88

Fonte: IBGE (2003).

No ano de 2002, saíram, oficialmente, da Bahia<sup>4</sup> para outros estados brasileiros 74.972 ovinos vivos e 69.949 caprinos vivos. Dos ovinos, 60% foram destinados ao abate, enquanto 81% dos caprinos saíram com esta finalidade.

Ocorreram diferenças no comércio das duas espécies entre as regiões. Os caprinos foram os animais mais exportados para abate e, os ovinos, para recria e/ou cria, sendo os principais destinos os estados das regiões Norte, Sudeste e Centro-Oeste (Holanda Júnior, 2003).

Acredita-se que, no caso das carnes de caprinos não existiam outras regiões produtoras capazes de suprir estes mercados. Enquanto que, no caso das carnes de ovinos, o Rio Grande do Sul, o Uruguai e a Argentina eram fornecedores, diminuindo a capacidade competitiva do Nordeste no mercado dessas carnes. Grande parte das carnes de ovinos e caprinos era, provavelmente, destinada a atender consumidores de origem nordestina e árabe que residiam no centro-sul do país.

Portanto, o crescimento do rebanho ovino em regiões com pouca tradição na criação destes animais e o estudo do trânsito de animais entre os estados demonstram que está ocorrendo uma redefinição dos espaços de produção de ovinos deslanados no Brasil.

Esses resultados alertam também para as diferenças existentes entre as cadeias produtivas dos produtos de caprinos e ovinos, que, sumariamente estão escritas na Figura 01.

<sup>4</sup> Em virtude de sua consolidação como Zona Livre de Febre Aftosa, da sua localização geográfica, do tamanho de seu rebanho e da sua tradição de criação, o estado da Bahia é, provavelmente, o principal fornecedor de caprinos e ovinos deslanados de raças nativas para cria e abate nas regiões Centro-Oeste, Norte, Sudeste e Sul do país.

Na região centro-sul, começa a ser implantados mecanismos de governança que visam organizar a cadeia produtiva para fornecer, principalmente, cortes padronizados, inspecionados e embalados para restaurantes e consumidores de alta renda. São exemplos de experiências desta natureza: o programa “Cordeiro Mineiro” (Holanda Júnior et al., 2003); a tentativa dos produtores do Paraná em reabrir abatedouros na região de Guarapuava (Criadores..., 2004); a busca por um contrato entre produtores e frigorífico no Distrito Federal (Araújo e Medeiros, 2003).

<b><u>A CADEIA PRODUTIVA DAS CARNES DE CAPRINOS</u></b>	<b><u>A CADEIA PRODUTIVA DAS CARNES DE OVINOS</u></b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Produção realizada pelos produtores mais pobres na escala social de países subdesenvolvidos. Os maiores rebanhos estão na Ásia. O Brasil é o segundo maior rebanho fora do continente asiático e africano, atrás apenas do México.</li> <li>• No Brasil, 93% do rebanho estava concentrado na região Nordeste.</li> <li>• Produção concentrada em áreas secas tropicais e subtropicais, com terras pobres, pouco voltadas à agricultura. E sendo marcante a produção para auto-consumo.</li> <li>• O comércio mundial é muito pequeno.</li> <li>• O produto ainda é muito identificado como especiaria e com pouca diferenciação. No Brasil tem forte identificação com a cultura nordestina e seu consumo é mais doméstico.</li> <li>• Rebanho em crescimento no mundo. No Brasil, na década de 90, o rebanho diminuiu em todas as regiões.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A produção ocorre em países mais desenvolvidos localizados na Oceânia, Europa, Ásia e África. Mas é também importante em regiões subdesenvolvidas, áridas e semi-áridas.</li> <li>• No Brasil, o efetivo do rebanho se concentra nas regiões Nordeste (55%) e Sul (34%).</li> <li>• A produção apresenta tendência de crescer em áreas de pastagens nativas e cultivadas, com maior inserção no mercado.</li> <li>• O comércio mundial é significativo, sendo as carnes diferenciadas pela qualidade e preço. É preferido pelos donos de restaurantes de carne assada, comuns no Nordeste brasileiro. Embora seja vendida, em muitos casos, como “bode assado”.</li> <li>• Rebanho em diminuição no mundo em virtude da queda do preço da lã. No Brasil, a produção de ovinos deslanados está crescendo em regiões com tradição na bovinocultura (Centro-Oeste e Norte).</li> </ul>

Fonte: Devendra (2002); Esquivel (2003); FAO (2003); IBGE (2003); Holanda Júnior (2004).

Figura 01. Sumário das diferenças entre a cadeia das carnes de caprinos e ovinos.

No Nordeste, a constatação da adaptabilidade social, econômica e ambiental de caprinos e ovinos deslanados para o semi-árido brasileiro não é recente, contudo, na última década esta alternativa passou a fazer parte de políticas articuladas por diferentes atores interessados no desenvolvimento da caprino-ovinocultura nordestina. As políticas incluem, no caso da cadeia das carnes, na instalação ou arrendamento de abatedouros-frigoríficos especializados para abate dos animais produzidos.

Compõem ainda o novo ambiente a ser considerado: o desenvolvimento de alguns pólos econômicos no sertão nordestino, como por exemplo, o de Petrolina/Juazeiro (Moreira et al., 1998); a decadência da bovinocultura em algumas regiões (Holanda Júnior,

2004); e a queda generalizada e estrutural do emprego e das ocupações econômicas, tanto na área rural quanto na área urbana. Esse novo ambiente redefine os espaços de produção e provoca mudanças nos sistemas de produção da caprino-ovinocultura, com a constituição de novas formas de organizar a produção.

Para explicar essas mudanças deve-se considerar, segundo Vilela (2000), a superação de um certo preconceito em relação a estas carnes, o aumento do conhecimento de suas qualidades nutricionais, a melhoria da qualidade dos produtos ofertados, as mudanças no padrão de consumo e o esforço de produtores e instituições no sentido de conhecer, melhorar e divulgar as características próprias de seu produto.

### **Os “papéis” dos caprinos e ovinos para os agricultores familiares no Nordeste**

Pode-se afirmar que, no Nordeste, as transformações recentes na cadeia produtiva de produtos de caprinos e ovinos, ao mesmo tempo em que provocam a reorganização dos processos produtivos, redefinem os perfis dos caprino-ovinocultores. Essas novas formas de organização da produção se expressam no surgimento de criadores empresariais, especializados na caprinocultura de corte e leite e na ovinocultura de corte (Farias, 2003; Rocha, 2003); e, no caso dos agricultores familiares tradicionais, na superação paulatina da histórica condição de produtores para o autoconsumo e para o mercado local.

Holanda Júnior (2004) estudou as estratégias de geração de renda de 549 famílias de agricultores que criavam caprinos e/ou ovinos nas microrregiões baianas de Juazeiro, Euclides da Cunha e Senhor do Bonfim, que juntas detinham, segundo o IBGE (IBGE..., 2003), 58% e 42% dos efetivos caprinos e ovinos do estado. O autor, utilizando análise multivariada, encontrou seis tipos de famílias agrícolas, para as quais a caprino-ovinocultura desempenhava papéis diferentes (Tabela 02).

Os tipos podiam ser discriminados pelas variáveis rebanhos caprino e bovino, área com caatinga, palma e agricultura de subsistência, integração ao mercado da produção caprina-ovina, especialização da agropecuária para a criação de caprinos e ovinos e participação da mão-de-obra familiar na atividade agropecuária.

Tabela 02. Número de famílias, tamanho e utilização das áreas exclusivas das famílias, uso de área de pastoreio coletivo, investimentos em máquinas, equipamentos e benfeitorias, integração ao mercado e especialização da agropecuária para a caprino-ovinocultura e mão-de-obra utilizada na agropecuária por famílias que criavam caprinos e/ou ovinos no sertão da Bahia (n=549). Por tipos de famílias

Características	Tipos de famílias					
	I	II	III	IV	V	VI
Característica dos sistemas de produção quanto à participação da caprino-ovinocultura	Diversificado com caprino-ovinocultura para consumo familiar	Especialização parcial para a caprino-ovinocultura	Caprino-ovinocultura complementar à agricultura	Maior especialização para caprino-ovinocultura	Caprino-ovinocultura complementar à bovinocultura	Caprino-ovinocultura mais extensiva
Famílias	Número 215	227	39	39	17	12
	(%) 39	41	7	7	3	2
Área de uso exclusivo da família (ha)	19	27	57	65	139	224
Uso de área de pastoreio coletivo (% de famílias)	80	78	92	82	65	100
Investimentos em máquinas, equipamentos e benfeitorias (R\$)	1.038	1.076	2.580	3.325	6.239	3.605
Uso da área exclusiva da família com agricultura e pecuária (% da área total)						
Área com caatinga e/ou capoeira	54	56	44	60	81	84
Área com forrageiras cultivadas	21	27	16	36	10	7
Área com cultivos agrícolas	26	16	40	4	8	10
Importância da caprino-ovinocultura						
UA- Caprinos e ovinos/ UA – rebanho <sup>1</sup> (%)	82	83	81	80	50	83
Especialização para a caprino-ovinocultura <sup>2</sup> (%)	16	41	30	47	37	38
Integração da caprino-ovinocultura ao mercado <sup>3</sup> (%)	22	71	64	71	72	63
Quantidade e tipo de mão-de-obra						
Mão-de-obra permanente total (homens-dia)	4	4	5	4	4	3
Mão-de-obra familiar/Mão-de-obra permanente total (%)	97	96	97	95	79	79

1. Somatório das unidades animais dos rebanhos caprino, ovino e bovino.

2. Especialização para a caprino-ovinocultura = Renda Total da Caprino-ovinocultura/ Renda Total da Propriedade x 100. Sendo: Renda Total da Caprino-ovinocultura = renda monetária anual obtida com as vendas dos produtos caprinos e ovinos + renda do autoconsumo destes produtos; Renda Total da Propriedade = renda monetária anual de todas as vendas de produtos produzidos pelas atividades agropecuárias e extrativistas + renda referente ao autoconsumo + valor anual do aluguel de terras e animais; Renda do autoconsumo = receita bruta anual que teria sido obtida se os produtos consumidos nas propriedades tivessem sido vendidos.

3. Integração da caprino-ovinocultura ao mercado = (renda do autoconsumo dos produtos caprinos e ovinos) / (Renda Total da Caprino-ovinocultura).

Fonte: Holanda Júnior (2004).

As características gerais dos tipos que agregaram a maioria das famílias que criavam caprinos e/ou ovinos no sertão da Bahia identificados por Holanda Junior (2004) foram:

- Dispunham de pequenas extensões de terras;
- Uso de pastoreio coletivo em áreas de pastagem natural, com grande flutuação ao longo do ano na quantidade e qualidade da pastagem disponível;
- Predomínio de trabalho e gestão da produção pela família;
- Sistemas de produção formados por policultivos e criação animal;
- Os sistemas produtivos eram frágeis, financeira, ambientalmente, produtivamente;
- Alguns agricultores realizaram melhorias nas condições de produção de caprinos e ovinos, no entanto, sem abandonar as outras atividades, agrícolas e não agrícolas, desenvolvidas.

Em geral, a orientação das famílias do semi-árido brasileiro para realizar investimentos na propriedade era a de assegurar moradia e água e construir cercas e chiqueiros para manter sob controle os animais, procurando assim preservar o patrimônio em animais por perdas e/ou roubos e evitando a destruição das áreas com cultivos pelos animais.

Nos tipos de famílias com sistemas de produção mais especializados para caprinos e ovinos, foram realizados investimentos também na produção de forrageiras cultivadas (Holanda Junior, 2004). O que está de acordo com resultados de estudos nos estados do Piauí (Sebrae, 2001) e Rio Grande do Norte (Sebrae, 2003).

A comercialização de produtos de caprinos e ovinos por agricultores familiares do semi-árido brasileiro se caracterizava por canais de comercialização relativamente curtos, em zonas rurais ou pequenas cidades do interior, com pouca ou nenhuma participação de abatedouros industriais e indústrias de frigorificação (Sebrae, 2001; Sebrae, 2003; Holanda Junior, 2004).

A renda familiar total, incluindo o autoconsumo, por tipo de família está apresentada na Tabela 03. Observou-se no estudo da renda que:

- A renda do autoconsumo representava de 20 a 30% da renda familiar total;
- A renda familiar com aposentadoria, venda de mão-de-obra para agricultura e outras rendas familiares (doações, prestação de serviços em atividades não-agrícolas, transferências do Governo Federal, entre outras) representava 19% no tipo mais capitalizado (tipo V) e 52% no tipo menos capitalizado (tipo I);
- As rendas com vendas de produtos de caprinos e ovinos representavam de 5% no tipo I a 32% no tipo IV. Sendo este o tipo mais especializado para a caprino-ovinocultura.
- Somando todas as rendas, obteve-se que, em equivalente salário mínimo, a renda familiar variou de 1,68 (tipo II) a 6,94 salários mínimos (tipo V).
- A renda familiar *per capita* em dólares era superior a um dólar<sup>5</sup> em todos os tipos. Mas, como das receitas não foram debitadas as despesas de produção, é possível que, na

---

<sup>5</sup> Este valor é, segundo Takagi et al. (2001), delimitador da pobreza nas áreas rurais do Nordeste.

maioria das famílias dos tipos com menor disponibilidade recursos, nem todas as necessidades básicas dos indivíduos foram satisfeitas.

- Nos quatro tipos com menores disponibilidades de recursos, a renda monetária da propriedade *per capita* foi inferior a um dólar por dia, confirmando a importância do autoconsumo, da venda de mão-de-obra para a agricultura, da aposentadoria e de outras rendas familiares (doações, prestação de serviços em atividades não-agrícolas, transferências do Governo Federal, entre outras) para complementar a renda das famílias nordestinas.

Tabela 03. Renda Familiar anual, em valores monetários, e mensal, em equivalente salário mínimo, e Renda Familiar Agropecuária *per capita* em reais e em dólares. Por tipo de família

Renda	Tipos					
	I	II	III	IV	V	VI
Familiar Total (R\$/ano)	4.102	4.029	7.225	5.603	16.651	9.004
Familiar Total (salário mínimo <sup>1</sup> /mês)	1,71	1,68	3,01	2,33	6,94	3,75
Familiar Total <i>per capita</i> (R\$/dia)	1,12	1,19	1,51	1,13	5,10	2,89
Familiar Total <i>per capita</i> (US\$ <sup>2</sup> /dia)	2,58	2,83	3,63	2,46	13,13	7,07
Composição da renda familiar total (%)						
Autoconsumo	27	28	24	30	21	20
Renda monetária <sup>2</sup> da propriedade	22	44	55	47	60	44
Caprinos	3	16	13	24	15	21
Ovinos	2	11	7	8	12	5
Outras criações e aluguéis de terra e animais	6	9	11	12	28	16
Agricultura	11	8	25	2	5	2
Outras fontes de rendas monetárias	52	26	21	21	19	36
Aposentadoria	27	14	11	12	16	27
Venda de mão-de-obra	7	5	1	2	1	1
Outras Rendas Familiares	17	8	9	7	1	8

1. Salário mínimo de 2002 = R\$ 200,00.

2. 1,00 US\$ = R\$ 2,93.

3. Receita bruta com vendas de produtos agropecuários ou valores monetários recebidos de outras fontes.

Fonte: Holanda Junior (2004).

Holanda Junior (2004) conclui que, para a maioria dos agricultores familiares do sertão baiano, a caprino-ovinocultura tinha a finalidade de produção para autoconsumo e venda de excedentes, visando complementar a renda gerada por outras atividades agropecuárias, outras atividades agropecuárias, serviços agrícolas e não agrícolas e outras rendas oriundas de programas sociais, doação de parentes, entre outros recursos.

### Os caprinos e ovinos deslançados e agricultura familiar nas demais regiões

Historicamente, a principal atividade pecuária da agricultura familiar de baixa renda nas demais regiões é a bovinocultura, sobretudo com orientação leiteira (Graziano da Silva, 1999; Almeida, 2001; Silvestre, 2001)

Em Minas Gerais e Rio de Janeiro, os sistemas de produção de caprinos eram predominantes e orientados para a produção de leite. Os sistemas de criação eram intensivos ou semi-intensivos, localizados, na sua grande maioria, em pequenas áreas próximas das regiões metropolitanas e centros urbanos (Cordeiro, 2003).

No meio-oeste de Santa Catarina, os investimentos na criação de caprinos estavam orientados para diversificar a renda de agricultores que cultivavam maçãs ou florestas de pinus (Silvestrini, 2004).

A necessidade de diversificação da renda ou de mudar suas atividades pecuárias e as oportunidades de mercado das carnes de ovinos e caprinos estão estimulando os investimentos na criação desses animais na região Sudeste, Sul e Centro-Oeste (Borges et al., 2003; Pérez, 2003; Embrapa, 2004; Criadores..., 2003; Silvestrini, 2004).

Borges e Silva (2004) afirmam que nos anos 80, seguindo a migração de comunidades gaúchas para o Centro-Oeste e Norte, ocorreu a introdução de pequenos núcleos de exploração de ovinos, em sua maioria para consumo próprio. Sendo na década de 90 que se registrou o crescimento de criatórios de ovinos nessas regiões. Crescimento que, segundo os autores, aconteceu de maneira desordenada, pois muitos criadores eram iniciantes e muitos técnicos não conseguiram notar o tamanho das oportunidades existentes.

Embora quase não existam informações sobre quem são os novos criadores de ovinos das regiões Sudeste, Centro-Oeste, Sul e Norte, é possível que estes, quando familiares, sejam mais capitalizados que a maioria dos agricultores dessa categoria no Nordeste ou mesmo de outros agricultores familiares dessas regiões. Se isto for verdade, são produtores que, em geral, dispõem de maiores condições produtivas e maior potencial de inserção no mercado que os caprino-ovinocultores familiares do semi-árido nordestino.

### **Uma proposta para o desenvolvimento da caprino-ovinocultura de base familiar**

Nesta seção apresentar-se-á propostas para a construção de um desenvolvimento da caprino-ovinocultura que possibilite beneficiar a maioria dos agricultores familiares. Entende-se que, o desenvolvimento desejável deve promover, não apenas crescimento econômico, mas sobretudo benefícios reais para a maioria da população, resguardando os recursos naturais, a biodiversidade e a riqueza cultural e social das localidades.

Considerando que a grande maioria dos agricultores familiares que criam caprinos e ovinos no Brasil, estão concentrados na região semi-árida do Nordeste brasileiro, as considerações apresentadas serão direcionadas a esses agricultores (Holanda Júnior, 2004).

Aos moldes do que ocorre para toda a agricultura desde a década de 70 (Nascimento, 2003), na atualidade as ações de fomento a caprino-ovinocultura (Nogueira Filho, 2003) continuam a se orientar para aumentar a produtividade e organizar a produção para atender os setores de processamento e comercialização. Muitas dessas políticas setoriais objetivam a padronização tecnológica necessária para minimizar os riscos dos

empreendedores e aumentar a governança do agronegócio, como ensina a Nova Economia Institucional e a Economia dos Custos de Transação (Medeiros, 2003).

Com essas políticas pretende-se estabelecer um novo espaço econômico, no qual a pequena produção é pressionada para, normalmente, uma maior mercantilização da produção (Nascimento, 2003). A estratégia para os investimentos e para inserção nos mercados orienta-se, principalmente, pela liderança nos custos, que foi descrita para a caprino-ovinocultura por Barreto Neto (2003). Esta estratégia tem como principais características: oferta de produtos padronizados e de baixos custos e predomínio de políticas de financiamento voltadas para padronização tecnológica, aumento da produtividade por animal e aumento da escala de produção e de industrialização.

Acredita-se que, com a adoção dessa estratégia, será muito difícil para a maioria dos caprino-ovinocultores familiares competir nesses mercados. Posto que, 70% dos agricultores familiares nordestinos estão descapitalizados (FAO/INCRA, 2000) e o poder de inserção nesses mercados depende da disponibilidade de capital (Moreira, 1998; Graziano da Silva, 1999).

Diante disto, para a consecução do desenvolvimento desejável será preciso, não apenas políticas que coloquem à disposição dos caprino-ovinocultores familiares do semi-árido terra, tecnologias produtivas, água, estradas e crédito. Como afirmam Amabrovay et al. (2003), exigirá também parcerias localizadas entre os poderes públicos e a formulação de estratégias e projetos que valorizem os produtos regionais; o processamento próximo ao local de produção; o estímulo às feiras livres e ao comércio local; o comércio institucional; o desenvolvimento de novos mercados. As possibilidades para esse desenvolvimento podem ser notadas nos relatos de experiências existentes no semi-árido nordestino.

Existem relatos de ações de organização da produção e comercialização de produtos caprinos e ovinos por associações de agricultores familiares do Nordeste semi-árido que permitiram a elevação dos preços e do poder de mercado desses agricultores (Ferreira, 2002; Holanda Júnior, 2003).

Existem também relatos de aumento de 40% no consumo das carnes caprina e/ou ovina na cidade de Jequié, na Bahia, provocado pela introdução dessas carnes na merenda escolar (Sousa Filho e Mascarenhas, 2001).

O crescimento da coleta de leite pelos estabelecimentos de laticínios em regiões de clima semi-árido (Sebrae, 2001; Holanda Júnior, 2003) sugere que quando existem preços compatíveis e coleta ao longo do ano, as famílias do semi-árido aumentam o número de ordenhas e a produção de leite, passando a vender o leite fluido.

A experiência do Rio Grande do Norte (Sebrae, 2001) sugere ainda que a inclusão do leite de cabra em programas de segurança alimentar estimula o aumento da produção e aumenta a renda líquida dos agricultores, sendo, porém, necessário o desenvolvimento de sistemas de produção de custos baixos (Holanda Junior, 2003).

Para a valorização das feiras livres e do comércio local, será preciso adequar a legislação sanitária à pequena indústria rural. Pois sabe-se que, mesmo para atender ao mercado local, as indústrias rurais de pequeno porte enfrentam enormes dificuldades, entre as quais: baixa disponibilidade de equipamentos adequados à pequena escala; elevado custo da assistência técnica; dificuldades de atendimento às normas, que por vezes não estão definidas; morosidade dos serviços de legalização (Caldas, 2001).

Como ocorre comercialização entre municípios vizinhos, uma alternativa inicial para superar alguns dos entraves da legislação sanitária vigente, melhorar a qualidade dos produtos ofertados nos mercados locais e minimizar custos dos serviços de inspeção, os municípios interligados pelo mesmo circuito de comercialização poderiam estabelecer sistemas de inspeção municipal com normas negociadas, permitindo sua aceitação nos municípios participantes de um mesmo circuito.

Para melhorar os preços das peles, a implantação de curtumes por cooperativas ou associações de produtores e a valorização do artesanato regional pode ser uma alternativa. No entanto, pode ser que esta alternativa não seja viável na maioria das comunidades. Neste caso, as associações de produtores outra estratégia é montar centrais locais de comercialização das peles, eliminando o atravessador, e comercializar a produção em maior escala para poder obter melhores preços junto aos curtumes industriais. Isto também pode ser válido para a comercialização dos outros produtos.

Há oportunidades para valorizar os produtos de caprinos e ovinos produzidos em harmonia com a natureza, sem agroquímicos e que apresentem qualidades nutritivas e organolépticas específicas.

No caso de algumas regiões do semi-árido, pode-se também agregar valor a produtos caprinos e ovinos de comunidades tradicionais, como, por exemplo, a “manta retalhada”. Para isto, será preciso a constituição de uma marca ou denominação de origem aplicável aos produtos de caprinos e ovinos dessas regiões.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, E.F.L. Aspectos sociais da produção de leite no Brasil. In: IN: MADALENA, F. E., MATOS, L. L., HOLANDA JUNIOR, E. V. **Produção de leite e sociedade: uma análise crítica da cadeia do leite no Brasil**. Belo Horizonte: FEP - MVZ Editora, 2001, v.1. p. 117-124.

AMABROVAY, R.; SAES, S.; SOUZA, M. C. ET. AL. **Mercado do empreendedorismo de pequeno porte no Brasil**. Brasília: CEPAL/DFID, 2003. 44p. (Documento convênio CEPAL/DFID).

ARAÚJO, F. C.; MEDEIROS, J. X. Análise dos modos de governança da cadeia produtiva de ovinos no Distrito Federal: estudo de caso do Frigorífico AICO por meio da análise multicritério. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 41, 2003, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: SOBER, 2003. 1 CD-ROM.

BARRETO NETO, A.D. Alternativas estratégicas e desempenho da cadeia produtiva das carnes caprinas e ovinas. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CAPRINOS E OVINOS DE CORTE, 2, 2003, João Pessoa-PB. **Anais...** João Pessoa: EMEPA, 2003. v. 1, p. 25-34.

BORGES, I; SILVA, A.G.M. Agronegócios: ovinocultura da porteira para dentro. Belo Horizonte: UFMG, 2004, 5p. (mimeo).

BORGES, I, MACIEL, A.G., ORZIL, R. Caprino-ovinocultura: Organização da cadeia produtiva. IN: OLIVEIRA, G.J.C., BARBOSA, J.A.; ZACHARIAS, F. (Ed.). Encontro de Caprino-ovinocultores de Corte da Bahia, 2003. *Anais...* Salvador: Associação dos Criadores de caprinos e Ovinos da Bahia, 2003. p.16-39.

CALDAS, F. M. Experiência de um laticínio de pequeno porte como opção de comercialização. In: IN: MADALENA, F. E., MATOS, L. L., HOLANDA JUNIOR, E. V. **Produção de leite e sociedade: uma análise crítica da cadeia do leite no Brasil**. Belo Horizonte: FEP - MVZ Editora, 2001, v.1, p. 85-89.

CARVALHO, H. M. O camponês no capitalismo atual. **Revista Sem Terra**. n.19. 2003.

CORDEIRO, P. R. C. A cadeia produtiva do leite de cabra. In: CONGRESSO PERNAMBUCANO DE MEDICINA VETERINÁRIA, 5, 2003, Recife. *Anais...* Recife:SOMEVEPE/CRMV-PE. 2003. p.--.

CRIDADORES de cabra do Paraná querem reabrir matadouros. **Gazeta do Povo**, Paraná, 26 de fev. de 2004. Disponível em: <[www.capritec.com.br/noticia040226e.htm](http://www.capritec.com.br/noticia040226e.htm)>. Acesso em: 14/05/2004.

DEVENDRA, C. \_\_\_\_\_ In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 39, 2002, Recife-PE. *Anais...* Recife-PE: SBZ, 2002. (palestra).

EMBRAPA. Ovinocultura é alternativa para complementar renda do produtor. Banco de Notícias Embrapa Gado de Corte - 27 de fevereiro de 2004. Disponível em: <[www.cnpqc.embrapa.br/bancodenoticias/ovinoculturaalternativa.htm](http://www.cnpqc.embrapa.br/bancodenoticias/ovinoculturaalternativa.htm)>. Acesso em: 26/03/2004.

ESQUIVEL, J. M. L. La cadena agroalimentaria en México. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CAPRINOS E OVINOS DE CORTE, 2, 2003, João Pessoa-PB. *Anais...* João Pessoa: EMEPA, 2003. v. 1, p. 263-271.

FAO Statistical Databases. Disponível em: <[http://www.fao.org/waicent/portal/statistics\\_en.asp](http://www.fao.org/waicent/portal/statistics_en.asp)>. Disponível em: 01/jun/2003.

FARIAS, C. G. C. Produção de ovinos em sistema complementar: cria no sequeiro, acabamento em área irrigada. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CAPRINOS E OVINOS DE CORTE, 2, 2003, João Pessoa-PB. *Anais...* João Pessoa: EMEPA, 2003. v. 1, p. 195-198.

GEHLEN, I. Agricultura familiar de subsistência e comercial: identidade cabocla e inclusão social. In: FERREIRA, A. D. D.; BRANDENBURG, A. (Org.) **Para pensar outra agricultura**. Curitiba: Editora da UFPR, 1998b. p. 51 - 70.

GRAZIANO DA SILVA, J. **Tecnologia e agricultura familiar**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS. 1999. 238p.

GRAZIANO DA SILVA, J.; HOFFMANN, R. **Caracterização do novo rural brasileiro, 1992/1998: auxílio a projeto temático de equipe**. Campinas: UNICAMP, 1999, 52p. (mimeo.).

HOLANDA JUNIOR, E. V. **Produção e comercialização de produtos caprinos e ovinos por agricultores familiares dos "sertões" baiano do São Francisco**. 2004. Belo Horizonte: UFMG – Escola de Veterinária, 2004. 117p. Tese (Doutorado em Ciência Animal).

HOLANDA JUNIOR, E.V. **Estudo da cadeia produtiva da caprino-ovinocultura na Bahia: relatório final**. Petrolina: s. ed. 2003. 284p. (Relatório Final do Contrato EMBRAPA SEMI-ÁRIDO/SEBRAE/BA).

HOLANDA JUNIOR, E.V.; SÁ, J. L.; ARAÚJO, G.G.L. Articulação dos segmentos da cadeia produtiva de caprinos e ovinos - Os fluxos alternativos de comercialização. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL

SOBRE CAPRINOS E OVINOS DE CORTE, 3, 2003, João Pessoa, PB. **Anais...** João Pessoa: EMEPA, 2003b. v. 1, p. 83-94.

IBGE - FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS - Sistema IBGE de Recuperação Automática. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 01/jun/2003.

INSTITUTO DO MILÊNIO DO SEMI-ÁRIDO. Apresentação. Disponível: <http://www.imsear.org.br/default.asp?id=1&mnu=1>. Acesso em 13/05/2004.

MEDEIROS, J. X. Governança no agronegócio da carne, leite e produtos derivados da ovinocaprinocultura na região Nordeste do Brasil. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CAPRINOS E OVINOS DE CORTE, 2003, João Pessoa-PB. **Anais...** João Pessoa: EMEPA, 2003. v. 1, p. 35-41.

MOREIRA, R. J. Agricultura familiar e assentamentos rurais: competitividade, tecnologia e integração social. In: FERREIRA, A. D. D.; BRANDENBURG, A. (Org.) **Para pensar outra agricultura**. Curitiba: Editora da UFPR, 1998. p. 171 - 195.

MOREIRA, J.N; CORREIA, R.C.; ARAÚJO, J.R ET AL. **Estudo do circuito de comercialização de carnes de caprinos e ovinos no eixo Petrolina-PE/Juazeiro-BA**. Petrolina: EMBRAPA-CPATSA, 1998. 38 p.

NASCIMENTO, C. A. Uma hipótese para o não crescimento da pluriatividade intersectorial no rural nordestino, nos anos 90. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 41., 2003, Juiz de Fora, **Anais...** Juiz de Fora: SOBER, 2003. 1 CD-ROM.

NOGUEIRA FILHO, A. Ações de fomento do Banco do Nordeste e potencialidades da caprino-ovinocultura. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CAPRINOS E OVINOS DE CORTE, 2003, João Pessoa-PB. **Anais...** João Pessoa: EMEPA, 2003. v. 1, p. 43-55.

PÉREZ, J. R. O. Perspectivas da ovinocultura nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CAPRINOS E OVINOS DE CORTE, 2, 2003, João Pessoa-PB. **Anais...** João Pessoa: EMEPA, 2003. v. 1, p. 243-262.

ROCHA, G. A. Empreendendo a caprino-ovinocultura de corte – um modelo empresarial. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE CAPRINOS E OVINOS DE CORTE, 2, 2003, João Pessoa-PB. **Anais...** João Pessoa: EMEPA, 2003. v. 1, p. 199-202.

SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999. 205p.

SEBRAE – PI. **Diagnóstico da cadeia produtiva da ovinocaprinocultura piauiense**. Teresina: SEBRAE/PI, 2003. 114p.

SEBRAE - RN. **Diagnóstico da cadeia produtiva agroindustrial da caprino-ovinocultura do Rio Grande do Norte: comportamento da cadeia produtiva agroindustrial da caprinocultura do Rio Grande do Norte**. Natal: SEBRAE/SINTEC, 2001. v. 3. 145 p.

SILVESTRE, J. R. A. Diagnóstico da pecuária leiteira nas pequenas propriedades do Estado de Minas Gerais. In: MADALENA, F. E., MATOS, L. L., HOLANDA JUNIOR, E. V. **Produção de leite e sociedade: uma análise crítica da cadeia do leite no Brasil**. Belo Horizonte: FEP - MVZ Editora, 2001, v.1. p. 125-158.

SILVESTRINI, G. Uma nova tradição. **Revista Globo Rural**. Março, 2004. p. 66 a 68.

SOUSA FILHO, E. E.; MASCARENHAS, G.C.C. A comercialização de carne de caprinos e ovinos em Jequié – BA. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 39, 2001, Recife, PE. *Anais...* Recife: SOBER, 2001, CD-ROM.

VILELA, S.L.O. **A importância das novas atividades agrícolas ante a globalização: a apicultura no Estado do Piauí.** Teresina: Embrapa Meio Norte, 2000. 228 p. il.

WANDERLEY, M. N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 20, 1996, Caxambu, MG. *Anais...* Caxambu: ANPOCS, 1996.

HOLANDA JÚNIOR, E. V.; ARAÚJO, G. G. L. de. **O papel dos caprinos e dos ovinos deslanados na agricultura familiar.** In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ZOOTECNIA, 41., 2004, Campo Grande, MS. *Anais...* Campo Grande : SBZ; Embrapa Gado de Corte, 2004. 1 CD-ROM. Palestra. CD-ROM 222